



Às leitoras e leitores da Rebeca,

A edição atual da Rebeca conta com a importante contribuição do **Dossiê Cinema e Espaço Urbano**, organizado por William Pianco e Pedro Florêncio, em trabalho colaborativo que resulta de um grupo de pesquisa articulado no Centro de Estudos Comparatistas (CEC) da Universidade de Lisboa. Uma vez que o volume de artigos recebidos e aprovados para este dossiê extrapolou o número adequado para uma única publicação, os editores propuseram o desdobramento do trabalho em duas edições. Publicamos neste número o primeiro desse conjunto de textos que discutem o cinema em torno da questão do espaço urbano. Os detalhes da proposta de edição, bem como a composição final dos dois dossiês constam na apresentação assinada pelos dois editores convidados e que precede a leitura dos textos.

A seção seguinte, de **Temática Livre**, inicia com o artigo “As políticas da luz a partir de *Iluminai os Terreiros* (2006)”, assinado por Antoine d’Artemare e Pedro Urano, que oferecem uma leitura do filme de Nuno Ramos, Eduadro Climachauska e Gustavo Moura pautada na *Partilha do sensível*, de Jacques Rancière, em que se questionam, entre outros aspectos, sobre o papel da lumionisidade do espaço urbano na política do filme como possibilidade de produção tanto de visibilidades quanto de invisibilidades. Em seguida, Tainá Xavier apresenta uma análise focada na direção de arte no artigo intitulado “Camadas de espaço-tempo em *Era o Hotel Cambridge* e *Esse Amor que nos Consome* - O trabalho da direção de arte na fronteira entre documentário e ficção”. No texto, a autora explora a construção da imagem na fronteira entre os espaços cênicos e a presença da marca real do tempo, buscando os efeitos estéticos que produzem, quando essas distinções já não dão conta da complexidade estética e política que tais filmes constroem no limiar entre o real e o fictício. No artigo “A representação do espaço e da atmosfera sobrenatural em *Quando eu era vivo*”, Índia Mara Martins e Theresa Christina Barbosa de Medeiros propõem uma releitura da questão realista no cinema a partir do filme *Quando eu era vivo*, ressaltando a complexa imbricação da atmosfera sobrenatural e do realismo na construção do espaço cinematográfico. Em seguida, no texto intitulado “Neochanchada: Caminhos para a Construção de uma Comédia à Brasileira”, Alexandre Tadeu dos Santos e Lidianne Porto Moraes promovem uma discussão sobre a cultura popular brasileira em sua relação com a comunicação, o cinema e a televisão na dimensão do gênero comédia, mais especificamente, da neochanchada. Na chave de leitura da intermedialidade, Antonia Cristina de Alencar Pires, Gustavo Tanus Cesário de Souza e Filipe Schttini contribuem com o artigo “As relações intermídia: tessituras entre cinema, música e outras mídias em *Manhã Cinzenta*, Olney São Paulo”, em que abordam a inserção da música no média-metragem



analisado como uma composição de montagem que constrói discursos, metáforas e ironias na tessitura do filme.

A **Entrevista** que compõe essa edição, assinada por Andrea Vicente Toledo Abreu, traz um importante diálogo com o poeta e crítico Ronaldo Werneck, traçando um fio de memória sobre sua relação com o cinema, que vai desde a perspectiva sobre o Ciclo de Cataguases, muito marcada pela sua vivência e a amizade com o conterrâneo Humberto Mauro, até o momento mais recente de criação de um Polo Audiovisual na Zona da Mata Mineira.

Na seção **Tradução**, Mariana Liz, em articulação com o Dossiê *Cinema e Espaço Urbano*, traduz “O cinema e a Cidade no Portugal”, texto de sua autoria publicado originalmente em inglês em seu *Portugal's Global Cinema: Industry, History and Culture*. O texto constitui uma análise do cinema português na passagem do século XX para o século XXI, questionando o modo como o cinema de Portugal se projeta globalmente como Europeu. A editoria agradece à autora e à Bloomsbury Publishing pela cessão dos direitos para a tradução e publicação nessa edição.

Por fim, na seção **Fora de Quadro**, contamos com a contribuição de Rafael de Luna Freire, no ensaio intitulado “O Consórcio Brasileiro de Cinema, a distribuidora da Embrafilme e o comércio de filmes brasileiros para o exterior”, que apresenta um valioso documento de autoria de Gustavo Dahl que nos dá pistas sobre a atuação da Embrafilme no campo da distribuição cinematográfica. A editoria agradece a Rafael pela generosidade em compartilhar esse achado com nossas e nossos leitores.

A todas as pessoas envolvidas na publicação desta edição, nossos mais sinceros agradecimentos. Aproveitamos para anunciar que, a partir do próximo número da Rebeca, teremos uma alteração na Editoria. A Editora Chefe passará a ser Gabriela Almeida, membro da Diretoria da SOCINE da gestão 2019-2021.

Uma ótima leitura a todas e todos!

Ramayana Lira